

Sentidos de Esquizofrenia na Imprensa

Uma análise lexical de base discursiva em textos da Folha de S. Paulo¹

Wedencley Alves²

Camila Lana Wendling³

(Universidade Federal de Juiz de Fora)

O presente trabalho empreende uma análise discursiva da entrada do lexema “esquizofrenia” em textos publicados no jornal Folha de S. Paulo, no período que se estende de 2006 a 2010. A análise lexical de base discursiva permite-nos conhecer de perto e de forma detida os sentidos sobre “esquizofrenia” que circulam em cada sociedade e em cada momento histórico. Partimos do pressuposto teórico de que a memória discursiva de um mal constitui o horizonte de possibilidades de interpretação da doença e do sofrimento por parte dos sujeitos do discurso. Nossa percepção é a de que os discursos especializados convivem lado a lado com aqueles cotidianos, leigos, estéticos, religiosos, entre outros, e que todos, como numa tessitura discursiva, afetam os sujeitos, se não da mesma maneira, ao menos de forma relevante.

Palavras-chave: imprensa, sentidos, esquizofrenia

Introdução

As abordagens humanistas da saúde já atentaram há algum tempo para a importância da discussão sobre os sentidos da doença e dos males que circulam em cada época, em cada sociedade em cada cultura. Discussão essa que nos leva a compreender a autopercepção dos sujeitos sobre seu próprio sofrimento (e do outro), dos modos de interpretação de cada comunidade sobre seus temores e cuidados.

Disciplinas como a antropologia e a sociologia da saúde não descuidaram dessa discussão, mas curiosamente dois campos que poderiam contribuir de maneira ampla para este entendimento – de como as pessoas e comunidades significam seus sofrimentos – deram passos ainda tímidos nessa direção: o primeiro, o campo das ciências da linguagem, que detêm ricos instrumentais conceituais analíticos para análise de materialidades e circulação de sentidos, mas não enfrentaram verdadeiramente esta tarefa, ao menos de forma sistemática; o outro, o das pesquisa em comunicação, que, com exceção do

¹ Trabalho apresentado ao DT 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação – GP – Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do Congresso Nacional de Pesquisa em Comunicação – Belém; de 2 a 7 de setembro, na UFPA.

² Professor Associado II e pesquisador em Comunicador da Universidade Federal de Juiz de Fora. wedencley@gmail.com

³ Graduanda em jornalismo e bolsista de iniciação científica da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, camilalwendling@gmail.com

programa de pós-graduação em Comunicação e Saúde da Fiocruz-RJ, que concentra pesquisadores com objetivos similares, ainda sofre de uma dispersão contraprodutiva no que diz respeito à reflexão sobre a constituição, formulação e circulação de sentidos sobre a saúde, a doença e os sofrimentos, ainda que a ambiência midiática seja incontornável para a compreensão destes sentidos nas sociedades contemporâneas.

Curiosamente, esta assistemática de um campo e essa dispersão do outro contribuem em retorno para um empobrecimento da discussão da própria importância dos discursos operados em ambiência midiática para a relevante área da medicina social – ou saúde coletiva, como mais conhecida no Brasil. Não é possível pensar políticas públicas, abordagens críticas da saúde, contrapontos produtivos aos discursos hegemônicos hoje na saúde, de base biomédica e economicista, se não compreendermos como as sociedades cada vez mais midiáticas fazem circular os sentidos da saúde e da doença. Os bem conhecidos fracassos de mobilização do Estado em campanhas para a saúde são um sintoma grave do que esse vácuo de compreensão pode provocar.

Diante disso é que propomos neste trabalho uma análise discursiva da entrada do lexema “esquizofrenia” em textos publicados no jornal Folha de S. Paulo, no período que se estende de 2006 a 2010.

Trata-se de uma pequena mostra de uma pesquisa mais ampla que abrangerá cinco décadas, desde 1960, tanto no jornal brasileiro quanto no francês Le Monde. A análise lexicométrica e lexicográfica de base discursiva permite-nos conhecer de perto e de forma detida os sentidos sobre “esquizofrenia” que circulam em cada sociedade e em cada momento histórico.

Partimos do pressuposto teórico de que a memória discursiva de um mal, com suas designações, nomeações e processos de sinonimização/antonomização, seus deslizamentos metonímicos e deslocamentos metafóricos, constituem o horizonte de possibilidades de interpretação da doença e do sofrimento por parte dos sujeitos do discurso em cada época. Diferentemente de alguns outros autores, que priorizam os processos institucionais de nomeação dos males e das doenças para a constituição de seus sentidos na sociedade, nossa percepção é a de que os discursos especializados convivem lado a lado com aqueles cotidianos, leigos, estéticos, religiosos, entre outros, e que todos, como numa tessitura discursiva, afetam os sujeitos, se não da mesma maneira, ao menos de forma relevante.

Mídia e as semânticas das patologias

Pesquisas e elaborações conceituais próprias ao campo da comunicação reafirmam há algum tempo a relevância das mídias – tanto tradicionais quanto em rede – para compreender a constituição, formulação e circulação de sentidos em sociedades contemporâneas.

Num primeiro momento, a afirmação acima parece dizer respeito aos modos de dizer e aos seus significados. Conceitos como bios midiático (SODRÉ, 2002) ou ecossistema midiático (CANAVILHAS, 2015), no entanto, apontam para uma relevância incontornável de meios e redes, para não dizer centralidade, no estabelecimento dos modos de dizer, agir, pensar de sujeitos contemporâneos. O que do ponto de vista discursivo, que é o nosso, leva-nos a considerar o “sentido” em seu sentido mais amplo.

Evidentemente, é preciso não recair num determinismo comunicacional dos fenômenos histórico-sociais, ou em abordagem que primam por um certo imanentismo midiático, que seriam as interpretações mais despropositadas das teses levantadas por Sodré e Canavilhas, entre outros. Mas, por outro lado, surpreende que em alguns quadrantes do pensamento humanista e social ainda vigore um certo alheamento desta relevância dos meios para a compreensão da atualidade.

Os esforços de quem trabalha na interface Saúde e Comunicação devem ser compreendidos neste contexto (ARAÚJO & CARDOSO, 2007; LERNER & SACRAMENTO, 2014). Não se trata somente de reafirmação de um espaço interdisciplinar ou uma nova percepção da saúde em suas interações com aspectos comunicacionais. Mas sim, de compreender que, sem levar em consideração a ambiência midiática que se constituiu ao longo do século XX e se consolidou, parece-nos de forma irreversível, nestas duas décadas do século atual, muito do que entendemos acerca dos processos de saúde e doença, bem ou mal-estar, superação e sofrimento, não poderá ser entendido de modo minimamente acurado.

Essas considerações são pertinentes, quando consideramos promissora e produtiva a discussão acerca da proposta do grupo Filosofia e Psicanálise da USP, tendo à frente Dunker, Safatle, e Silva Jr (2018). Ao proporem uma nova conceituação para “patologias do social” acabam por dar pouca relevância ao lugar dos meios na constituição dos (sentidos de) sofrimentos psíquicos, algo que não passou despercebido, por exemplo, para

Ehrenberg (1995), quando discute os realities shows como um sintoma do mal estar contemporâneo.

De qualquer maneira vamos ao cerne da argumentação de Safatle para a recuperação do sentido de “patologia social” numa chave que não a da “anomia”, ou do “desvio” tão mais comum na tradição sociológica.

Nossa crítica da razão diagnóstica assume que a fronteira entre mal-estar, sofrimento e sintoma é uma fronteira socialmente definida. Ela pode estabelecer, por exemplo, o que merece tratamento e atenção e o que deve ser objeto de repressão ou exclusão, o que é uma forma digna ou indigna de sofrer, o que é uma narrativa legítima ou ilegítima para um determinado discurso. É como função da razão diagnóstica que uma determinada forma de sofrimento é privilegiada em detrimento de outras: a obesidade em vez da pobreza, por exemplo. As articulações entre sintomas, formas de sofrimento e modalidade de mal-estar possuem uma história. Novos sintomas são descobertos, inventados ou sancionados. Certas inibições tornam-se normalopáticas. Aquilo que representava um déficit em um tempo pode se tornar funcional e adaptativo em outro, há formas de sofrimento que se tornam expectativas sociais a cumprir, outras que devem se tornar invisíveis e inaudíveis. (SAFATLE, 2018)

Por mais que consideremos defensável a percepção de autonomia de campo, conforme Bourdieu (2012), quando olhamos para “a arena da saúde”, não é possível desconsiderar o fato de que a razão diagnóstica constituída em determinada época não é alheia à ética, à política e à razão econômica de cada sociedade ou momento histórico. E em relação a isso, os autores não descuidam, e toda a discussão deles na verdade se refere à esta heteronímia do diagnóstico. O que fica de fora é uma estética e uma semântica midiática na constituição dos sentidos de patologia social em nossa época.

Tanto os regimes epistêmicos de verdade, como as biopolíticas efetuadas em seu nome, tanto quanto as “nomeações dos males”, efeitos dessa relação entre alética e poder são refratadas na superfície discursiva midiática, o que afere legitimidade, crença e potencial identitário, abrindo caminho, dada sua heterogeneidade, também para os modos de resistência e desistência, mas sem desconsiderar que há dominâncias.

ALVES (2007), por exemplo, argumenta que há uma mediação procedural da diagnóstica contemporânea, que se vai constituindo de modo contínuo e consistente ao longo de décadas. O grande campo das neurociências, que disputa hoje o estatuto do todo-saber e que está na base de boa parte das concepções psiquiátricas (dominantes) dos males

e sofrimentos mentais, é endogenamente marcado por processos de midiatização: ele é fruto da inscrição desse saber como “dado a ver”, e que leva ao paroxismo o exame da clínica, conforme teorizada em Foucault.

Como dissociar a estética das diagnósticas das reafirmações positivas das neurociências? Ou como separar a relação mídia e mercado do farmacopolítica contemporânea? Ou ainda a associação entre políticas de saúde e consumo? Ou mais ainda, o fetiche biotecnológico, um dos fatores mais desafiadores para os sistemas de saúde? Ou pensar tudo isso sem perceber que todas estas dimensões ajudam a constituir os modos de subjetivações do sujeito do sofrimento?

A análise

O estudo em andamento, iniciado em novembro junto à Universidade de Toulon, e com prazo de dois anos para ser finalizado, contempla dois jornais, um francês, o *Le Monde*, e um brasileiro, a *Folha de S. Paulo*, e que abrange quatro décadas: 60, 70, 80, 90 e 2000, iniciando em janeiro de 1960 até janeiro de 2010.

Estas décadas foram escolhidas pelas mudanças substanciais ocorridas no campo “psi”, da predominância do discurso psicanalítico nos primeiros DSMs, até sua substituição integral pelo discurso biopsiquiátrico, com forte pendor farmacologizante, ao mesmo tempo em que assistíamos o nascimento, o crescimento e os desdobramentos do movimento antimanicomial. Mais que isso: partimos do pressuposto teórico de que a memória discursiva de um mal, com suas designações, nomeações e processos de sinonimização/antonomização, seus deslizamento metonímicos e deslocamentos metafóricos, constituem o horizonte de possibilidades de interpretação da doença e do sofrimento por parte dos sujeitos do discurso em cada época.

Diferentemente de alguns outros autores, que priorizam os processos institucionais de nomeação dos males e das doenças para a constituição de seus sentidos na sociedade, nossa percepção é a de que os discursos especializados convivem lado a lado com aqueles cotidianos, leigos, estéticos, religiosos, entre outros, e que todos, como numa tessitura discursiva, afetam os sujeitos, se não da mesma maneira, ao menos de forma relevante. É neste dicionários da vida vivida, que são os jornais, que vamos buscar nossos problemas e hipóteses ainda em construção.

Dentro dessa proposta, para este trabalho especificamente, operou-se um recorte para a produção deste texto bem mais modesto e específico, contemplando os anos de 2006 a

2010, ou seja, os últimos cinco anos do período analisado, no jornal brasileiro, Folha de S. Paulo.

No total, o jornal brasileiro nos apresentou os seguintes resultados: 106 ocorrências nos anos 60; 240, nos 70; 334, nos anos de 1980; 409, nos anos 90 e finalmente 516 resultados nos anos 2000 até janeiro de 2010. Observe-se que esta contagem leve em conta apenas a circulação do lexema “esquizofrenia” e não aponta necessariamente para reportagens ou notícias sobre a doença; mas mostra um aumento evidente na circulação do nome no meio social, captado pelo jornal.

Nos anos contemplados neste trabalho, houve 250 resultados, que vão desde anúncios de documentários e resenhas de filmes, até metáforas para a economia, a política, além evidentemente das notícias sobre a doença em si.

1. A esquizofrenia no caderno cultural

Dentro da discursividade estética, o cinema foi o que provocou o maior número de ocorrências, principalmente, a partir de *Estamira*, lançada em agosto de 2006 e que por quase seis meses foi fartamente anunciado na Folha de S. Paulo; e *O Solista*, lançado em 2019, e que mereceu resenha no veículo. Esta resenha – a mesma – permaneceu sendo publicada por três meses, enquanto o filme esteve em cartaz. Nos dois casos, o efeito de presentificação deste signifiante no meio social foi grande pela veiculação quase diária. Nos dois casos a promoção dos filmes se deu sob um discurso benevolente sobre este mal: uma porque era o próprio anúncio do documentário *Estamira*. Noutro, porque foi uma resenha bem crítica ao filme, mas que destacou a força do enredo pela epicidade do personagem esquizofrênico:

Boas intenções de Joe Wright não salvam história intrigante
Robert Downey Jr. faz jornalista que ajuda um morador de rua
(Jamie Foxx)

O primeiro filme hollywoodiano do diretor inglês Joe Wright, que mostrou competência em dramas de época como "Orgulho e Preconceito" e "Desejo e Reparação", não está à altura de seu talento. "O Solista" conta uma história real *que tem tudo para fisgar o espectador - a improvável amizade entre Steve Lopez (Robert Downey Jr.), jornalista do Los Angeles Times, e Nathaniel Ayers (Jamie Foxx), um morador de rua esquizofrênico e músico notável -*, mas se perde por conta de inconsistências do roteiro “ (FOLHA, 06/11/2009, grifo nosso).

Além de *Estamira* e *O Solista*, o filme *Perturbados* mereceu algumas poucas referências durante o mês de março de 2009, a partir de notas descritivas no caderno *Ilustrada*. Ainda no jornalismo cultural, o espetáculo *Asas da Mente* recebeu algum destaque, como nessa matéria sobre a estreia:

Asas da Mente

Texto: Deborah Scholnic. Adaptação: Bernardo de Gregorio e Marcello Blanko. Direção: Bernardo de Gregorio. Com: Chico Oliveira, Fernanda Padilha, Kadine Teixeira e outros. Com recursos como vídeos e música eletrônica, narra o processo psicanalítico da cura de uma mulher que sofria de esquizofrenia paranóide. Inspirada na história real da autora, que padeceu desse mal. O violoncelista Luiz Hernane Barros e Carvalho executa parte da trilha sonora ao vivo (FOLHA, 04/08/2006)

O sentido de doença curável foi atribuído à esquizofrenia neste texto, em que pese a impossibilidade clínica; e volta a aparecer, sem (no título) e com (no corpo da matéria) a a marca gráfica das aspas, quando o jornal se refere ao diretor Lars Norén, por ocasião da montagem de uma peça sua no Brasil, no ano de 2006:

Escrita livrou Lars Norén da Esquizofrenia

Aos 20 anos, o sueco Lars Norén (1944) foi diagnosticado pelos médicos como esquizofrênico, sem volta. Internado em hospital psiquiátrico, passou por terapias que incluíam os choques elétricos. Mas a "cura", por assim dizer, veio por meio da palavra. Escrevia poemas. E peças. Como "A Noite É Mãe do Dia", de fundo autobiográfico, sobre um pai alcoólatra e uma mãe autoritária. "Outono e Inverno" integra a trilogia "Quartetos Burgueses", pai, mãe e filhas. Tolentino descobriu o autor em 2000, quando em viagem à Polônia. Assistiu a uma montagem de "O Amor É tão Simples". Sua dramaturgia é alinhada a Ibsen, Strindberg, O'Neill, Pinter etc. (FOLHA, 25/11/2006)

A memória discursiva⁴ pode ser pensada como uma trama de formações discursivas, concorrentes ou não, e a depender do ponto de deriva onde se situa um sujeito, ainda que afetado por uma outra FD dominante, é plausível que seja atravessado por discursos que desafiam esta predominância. A *Análise do Discurso*, compartilha com

⁴ Para alguns autores, como em Orlandi (2001), *interdiscurso* (Pêcheux, 1997 [1975]) e *memória discursiva* (Courtine, 2009 [1981]) acabaram por se tornar intercambiáveis. Optamos aqui por seguir a definição clássica de interdiscurso, dada por Pêcheux, que é a de "todo complexo com dominante" das formações discursivas; mas reservar o conceito de memória discursiva, efetivamente utilizado neste trabalho, para um trajeto temático específico: assim falaremos de "memória discursiva dos sentidos de esquizofrenia".

outros campos, a percepção de que o sujeito-indivíduo é constituído historicamente no Ocidente, e por isso mesmo se posiciona como crítica a qualquer percepção liberal de autonomia subjetiva diante de processos históricos, sociais e ideológicos.

Mas é preciso reconhecer que dois indivíduos interpelados, predominantemente, pela mesma formação discursiva não necessariamente vão reproduzir sentidos de forma coincidente, justamente pelos atravessamentos próprios aos seus pontos de deriva na memória discursiva, desencadeando o que definiremos como “efeito de singularidade”.

Em outras palavras: ainda que os discursos biopsiquiátricos e neurocientíficos sejam hoje dois poderosos constituidores de modos de subjetivação na contemporaneidade (que podemos sintetizar na equação sujeito = mente = cérebro), e desses derivam FDs que definem, de modo primaz, os sentidos da esquizofrenia nos dias de hoje, ainda assim é possível que a discursividade estética ou religiosa ponham em circulação outros sentidos concorrentes, como o de esquizofrenia como “doença curável”, ou como o traço próprio da genialidade e do talento. Nas matérias observadas no período analisado, a Folha não abre espaço para o discurso religioso, mas, a partir da mediação do jornalismo cultural, faz circular a discursividade estética.

É nessa discursividade, a estética, quando na voz dos artistas, que vemos deslocamentos metafóricos interessantes da palavra “esquizofrenia”. Vale a pena citar alguns:

Eco da esquizofrenia que marca a cena artística de Los Angeles, onde vive, Strod altera silêncio e ruído, a atmosfera ensolarada do surf com exageros assombrosos da indústria de entretenimento.” (16/04/2009)

No andar de baixo, o atrito está no tempo. Sofia Borges se espreme entre possibilidades analógicas e digitais para criar nove fotografias. O aparato tecnológico, softwares e lentes, é empregado para anular a própria precisão: no lugar da nitidez, o desfoco; no lugar da luz calculada, sombras e cores em vibrações distorcidas.

"Misturo os tempos de exposição dos objetos, e isso vai reforçando esse limbo entre as imagens", diz Borges. "Eu gosto dessa esquizofrenia." A própria artista está nas cenas que retrata. Embora não haja linha narrativa, parece haver uma trama absurda, que sublinha o prosaico: são objetos e cenários domésticos que, nas imagens, ganham uma energia transbordante, exacerbada pelo jogo entre tons quentes e frios, clareza e ambiguidade” (FOLHA, 21/08/2008).

No filme, Paulo (Gracindo) desfila sua versatilidade em registros que lembram desde o galã promissor da radionovela "O Direito de Nascer" até a consagração definitiva com o Odorico Paraguaçu de "O Bem Amado", passando pelos papéis nos filmes "A Falecida" (1965) e "Terra em Transe" (1967). Também comparece o "primo rico", que atordoava o parente pobre (Brandão Filho) com lamúrias frívolas. O personagem, descobre-se, foi inspirado no sogro de Paulo, morador de um palacete carioca.

"Havia nele uma esquizofrenia muito interessante. Era uma festa e, na hora da ação, entrava um monstro de um ator altamente preparado e com uma bagagem de estudo sobre o seu papel que nunca vi", diz a certa altura Fernanda Montenegro, colega em "A Falecida" e "Tudo Bem" (78). (FOLHA, 01/04/2008)

Vale ressaltar, para finalizar este subitem acerca da esquizofrenia no caderno cultural, a reportagem sobre o filme de animação Skanner Darkly, que tem como principal elemento de narrativa as alterações de consciência. O texto enfatiza que “o ponto de partida de Dick (o escritor) é mental, seja por esquizofrenia, problemas psíquicos, uso de drogas ou outros ((27/10/2006). O sentido do termo na reportagem é enquanto doença, destacando talvez, a característica da dupla realidade ou da criação de um novo “mundo”

2. Esquizofrenia como desordem, contradição

“Esquizofrenia” aparece como um termo eminentemente negativo em matérias de economia e política, mas também em outras editoriais que não o caderno de cultura ou em matérias de saúde. Assim, o comportamento do governo Evo Morales em relação à parceria com o Brasil de Lula tendia à “esquizofrenia”, no sentido de contradição (FOLHA, 15/09/2006), tanto quanto as relações entre Washington e os governos centro-europeus (FOLHA, 18/09/2009).

Em 25 de março de 2009, são os eleitores do PMDB (hoje MDB) que são caracterizados por certa “esquizofrenia”, também no sentido de “contradição”, “incoerência”. O termo também aparece neste sentido, quando o correligionário José Serra, ex-governador, classifica de “esquizofrenia” o comportamento do próprio partido (FOLHA, 25/09/2007)

Enquanto, o senador Renan Calheiros vê “esquizofrenia” na política diante de acusações contra ele (FOLHA, 25/07 e 10/10/2007), agora não mais no sentido de “contradição”, mas de “delírio”, “invencionice”.

As matérias críticas da Folha ao governo Lula também recorrem ao termo, no sentido de “incoerência” ou “desconexão”: em relação à política de cotas para universidades, sem que o próprio Estado removesse as barreiras ao ensino (23/08/2006); em relação ao incentivo ao uso do álcool como combustível em nome da sustentabilidade (“esquizofrenia ambiental”, FOLHA, 29/12/2007); ou no caso da utilização dos recursos do Pré-Sal, reverberando uma declaração do então governador Sérgio Cabral (FOLHA, 22/08/2008).

Na entrevista com a arquiteta Raquel Rolnik, intitulada “Relatora da ONU vê ‘esquizofrenia’ em política federal para habitação” (FOLHA, 30/06/2008), o veículo alça o substantivo ao status de *significante irradiador*, ou seja, aquele que ancora os demais sentidos da crítica da arquiteta à política urbana do governo Lula.

Na editoria de economia, “desordem” e “confusão” nos modelos fiscais, tributários e trabalhistas, são metaforizadas como “esquizofrenia” da política governamental, quando resistente a reformas (FOLHA, 18/04/2008).

Desordem, incoerência, contradição, delírio ou invencionice são sinonimizados a “esquizofrenia”, quando é a política (partidária, econômica, urbana, ambiental) que está em cena. Não encontramos qualquer sentido positivo deste lexema nas buscas nos cinco anos aqui analisados. O que aparentemente era esperado, pois este é sentido dominante, ligado metonimicamente à percepção pública do que seja a esquizofrenia também como doença. Estabelece-se aí um deslizamento, mas não um deslocamento, que é efeito de metáfora e abertura de sentidos, como vimos na fala de artistas.

3. Esquizofrenia, a doença, enfim

Os textos da Folha que trazem o lexema esquizofrenia podem ser divididos em três tipos: os que tratam da esquizofrenia, os que falam de doenças mentais em geral, e os que citam o termo, sem se deter nele. Vamos nos deter no primeiro tipo, que acreditamos ser o principal constituir de sentidos de esquizofrenia em matérias de saúde.

A esquizofrenia, doença, foi tema de ao menos 45 textos – descontadas as repetições, como chamadas para eventos, notas, etc – no período destacado. Transitou em reportagens e notícias sobre políticas de saúde pública, inovações biotecnológicas, discussões sobre ressocialização entre outros assuntos. A primeira percepção é que o esquizofrênico

propriamente dito quase nunca é ouvido. Não foi identificado um tom de dramatização ou vitimização do doente.

Poucas foram as matérias dentro de um discurso de risco, e somente em duas, pode-se dizer que a abordagem foi estigmatizante. Em geral, a Folha fala dos “tratamentos para a esquizofrenia”, a maioria é claro dentro do discurso psiquiátrico e biotecnológico.

Mas o discurso antimanicomial também pode ser identificado, como na coluna Saúde Mental, de 22 de dezembro de 2008, contando o caso do pintor Emygdio de Barros, para ilustrar que se afastam da ideia manicomial, poderiam ter ajudado ele caso já existissem. No final da breve nota a jornalista, mãe de um filho com esquizofrenia, faz um apelo a favor da luta antimanicomial e dá o exemplo de seu próprio filho que passou 20 anos em centros de tratamento exclusivo sem obter nenhuma melhora, mas que há seis anos progrediu após criar vínculo com um CAPS.

No ano seguinte, a Folha abriu uma tribuna para ouvir defensores da luta antimanicomial e vozes a favor da internação, mesmo que em hospitais não psiquiátricos.

Não foram poucas as vezes que esse debate veio à tona na Folha, principalmente, por parte de um dos seus colunistas à época, o poeta Ferreira Gullar, um defensor da internação. Ele dedicou ao menos quatro artigos ao tema, sendo o mais veemente o de 26/04/2009, sob o título “Sociedade sem Traumas”.

Tratamentos alternativos continuaram tendo relevância nos textos da Folha, como na matéria dedicada a Nilse da Silveira (FOLHA, 17/05/2009), ressaltando que ela se opôs a receitar práticas de lobotomia e choques elétricos, para desenvolver mais tarde sua iniciativa a mais conhecida: O Museu da Imagem do Inconsciente.

Entre anúncios de testes genéticos, novos medicamentos testados, não faltou à Folha alguma visão crítica, quando aborda por exemplo o risco dos antipsicóticos (09/05/2009), atribuindo inclusive a eles a redução da longevidade dos pacientes psiquiátricos.

Os CAPS mereceram algumas poucas outras referências, mas em geral elogiosas, como na entrevista com o vice-presidente da Abre, João Cândido de Assis, que defende mais leitos para os Centros (FOLHA, 22/04/2009).

Considerações finais

Esse é um primeiríssimo passo de uma pesquisa, que prosseguirá por mais 18 meses, e que poderá trazer contribuições relevantes sobre como a imprensa põe em circulação sentidos de esquizofrenia. Na definição clássica da psicanálise, a esquizofrenia

é uma das três manifestações da psicose, junto à maníaco-depressiva e à paranoia. Na psiquiatria moderna, é praticamente sinônimo de loucura, visto que as outras manifestações foram renomeadas e reagrupadas em outros quadros sintomáticos.

Se por um lado esquizofrenia era para a psicanálise um efeito da forclusão do sujeito da rede significativa, para as neurociências é antes um fenômeno cerebral, de base genética. Mas a luta pela nomeação não vai parar por aí.

Quando veio à luz, com o suíço Breuler, no início do século XX, a palavra esquizofrenia designava um “cérebro dividido”, em substituição à demência precoce, e às teorias da degeneração.

Mas de lá para cá, não só os discursos conceituais sobre a esquizofrenia sofreram reviravoltas e retomadas, ou coabitam em uma interminável arena de disputas semânticas, mas também os modos como a sociedade concebe a loucura, termo hoje recriminado por especialistas, mas que de alguma forma nos remete ao estigma e ao afeto, também vem mudando: a cada reportagem, a cada filme, a cada entrevista, a cada medicação, enfim, a cada nova formulação discursiva.

Referências

- ARAÚJO, I. CARDOSO, J. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007
- ALVES, W. **Sujeito, Discurso e Ideologia**, A midiaticização das neurociências. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2007.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- CANAVILHAS, João. O novo ecossistema midiático. Covilhã [Portugal]: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 2010.
- COURTINE, J-J. **Análise do Discurso Político**: Discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.
- EHRENBERG, A. **L’Individu Incertain**. Paris : Calmon-Levy, 1995.
- FOLHA de S. Paulo. Diversos. São Paulo: Editora, a própria, 2006-2010.
- LERNER, K. SACRAMENTO, I. (org). **Saúde e Jornalismo**. Interfaces contemporâneas. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2014
- ORLANDI, Eni. P. **Interpretação**, Autoria, leitura e efeitos o trabalho simbólico. Petropolis: Ed. Vozes, 2001.

PECHEUX, M. **Semântica e Discurso**, Crítica à reafirmação do Óbvio. Campinas: Ed. Unicamp, 1997

SAFATLE, Vladimir. **Patologias do social**: Arqueologias do sofrimento psíquico (Locais do Kindle 7622-7623). Autêntica Editora. Edição do Kindle.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho** Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.